

# ALTO RISCO

SUPLEMENTO DO JORNAL ALTO RISCO  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE BOMBEIROS PROFISSIONAIS  
(instituição de utilidade pública)

N.º44 | 6ª Série | Janeiro 2013

## Entrevista ao novo Comandante Nacional da ANPC

“O nosso País está ao nível  
do que melhor se pratica nos  
países de referência no setor”



NOVO STRALIS HI-WAY



WINNING ON THE HI-WAY

Novo Stralis Hi-Way Truck of the Year 2013

Tecnologia de ponta que reduz ao máximo os custos de exploração.

Novos motores que oferecem melhores prestações e estabelecem um novo recorde no mundo do transporte terrestre.

Novo interior com estilo e conforto ímpares, para melhorar a vida a bordo.

Novo Stralis Hi-Way. Camião do ano 2013 - Truck of the Year 2013.

**IVECO**  
WWW.IVECO.PT



oferta formativa

Gestão de Stress e Gestão de Conflitos  
Técnicas de Informação, Comunicação  
e Negociação  
Técnico de Informática

NORTE • CENTRO • LISBOA • ALENTEJO • ALGARVE

acção de formação

Número de Horas por acção: 25h / 50h  
Subsídios a pagar aos Formandos:  
4,27€/dia em pós laboral

requisitos dos formandos

- ✓ Ser Associado do SPP (se ainda não é associado, entre em contacto com o sindicato)
- ✓ Certificado de Habilitações / BI e NIF ou Cartão do Cidadão

**CONTACTOS**

**SPP - PSP**  
sede@spp-psp.pt  
secretariogeral.spp@gmail.com

**4EMES**  
Telf: (+351) 21 413 54 80  
Fax: (+351) 21 413 54 89  
formacao@4emes.com  
www.4emes.com

ENTIDADE FORMADORA

CO-FINANCIADOR



6



**Entrevista**

Comandante Nacional José Manuel Moura

14



**Reportagem**

Equipa de Resgate em montanha da FEB

14



**Ano Europeu do Envelhecimento**

Entrevista a Joaquina Madeira

24



Automóveis híbridos e elétricos

**Diretor**  
Filomena Barros

**Diretor-Adjunto**  
Sérgio Carvalho

**Redação**  
Cátia Godinho

**Grafismo**  
João B. Gonçalves

**Paginação**  
João B. Gonçalves

**Fotografia**  
Gab. Aud. ANBP

**Publicidade**  
Paulo Bandarra

**Propriedade**  
Associação Nacional de Bombeiros Profissionais  
Av. D. Carlos I, 89, r/c  
1200 Lisboa  
Tel.: 21 394 20 80

**Tiragem**  
20 000 exemplares

Registo n.117 011  
Dep. Legal n. 68  
848/93

**Impressão**  
MX3



**Fernando Curto**

Presidente da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais

# Uma revista de desafios!

**N**a edição da Revista Alto Risco que lhe propomos este mês pode contar com uma entrevista ao novo Comandante Operacional Nacional, José Manuel Moura, que nos fala deste novo desafio, da sua experiência à frente de outros cargos e sobre os desafios que se impõem atualmente ao Sistema Nacional de Proteção Civil e aos agentes de Proteção Civil.

Durante esta entrevista o novo Comandante Nacional da ANPC faz uma avaliação positiva do trabalho desenvolvido pela Força Especial de Bombeiros, que nesta edição também merece um destaque.

A Alto Risco foi até à Serra da Estrela acompanhar a equipa de Resgate e Montanha da FEB, integrada no Plano Operacional Nacional para a Serra da Estrela, que de Dezembro a Abril ajuda a garantir

a segurança de todos os que passeiam por lá.

Num ano que promete ficar marcado pela austeridade, que afeta, sobretudo, os mais fragilizados, um relatório da Cárita vem alertar para os riscos do aumento da pobreza infantil. Riscos aos quais os mais velhos também poderão ficar sujeitos.

E numa época em que a palavra “solidariedade” ganha força, convidamo-los a ler o apelo deixado por Joaquina Madeira, a propósito das conclusões subtraídas do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações, que decorreu durante o ano passado.

A fechar, recordamos uma das mais marcantes manifestações de bombeiros de sempre. A 20 de novembro os bombeiros profissionais de todo o país saíram à rua para dizer BASTA às medidas de austeridade!

Boa leitura!

“O nosso País está ao nível do que melhor se pratica nos países de referência no setor”

José Manuel Moura é Comandante Nacional do Comando de Operações Nacional de Socorro e Proteção Civil desde dezembro de 2012. Para o desempenho deste cargo conta já com uma larga experiência adquirida no desempenho de outras funções a nível nacional e também ao nível internacional, já que é perito da União Europeia em matéria de Proteção Civil.

**C**om que expectativa aceitou o desafio de ser o novo Comandante Operacional Nacional?

Estas funções terão que ser entendidas como uma missão que nos é atribuída em determinadas circunstâncias, não se trata de um corolário de uma carreira. A partir do momento em que somos nomeados, o nosso empenhamento e compromisso

com a função é total.

**Com que dificuldades se deparou?**

A dificuldade natural de adaptação a uma nova função, sendo certo que as circunstâncias nos tem obrigado a processo de adaptação mais acelerado, sendo certo que os objectivos são os consagrados no Sistema Integrado de Operações de Protecção e Socorro.

#### Perfil

**José Manuel Moura é licenciado em gestão e doutorado em Ciências de Risco. É perito da União Europeia em matéria de proteção civil, tendo integrado e chefiado missões internacionais no âmbito do Mecanismo Europeu de Proteção Civil. Foi Comandante Distrital de Operações de Socorro de Leiria.**



**De que forma é que a sua experiência enquanto Comandante Operacional Distrital de Leiria o pode ajudar no desempenho desta função?**

Ajudará imenso com toda a certeza. Desde logo o facto de sermos conhecedores do funcionamento de toda a estrutura bem como do sistema de proteção e socorro, para além de todo o processo operacional a que fui sujeito durante 9 anos, que nos dá uma preparação para a função muito diferenciada.

**E a sua experiência Internacional, enquanto perito internacional da proteção civil?**

A experiência internacional dá-nos uma perspetiva macro do sistema, dá-nos escala, sendo certo, e no limite, dá-nos uma formação/preparação operacional que complementa e muito o nosso quadro de referências.

**Como tem sido articular, no terreno, os diferentes agentes da proteção civil?**

Os últimos eventos têm demonstrado uma excelente articulação entre os demais APC's, veja-se o episódio meteorológico, o acidente ferroviário e acidente multi-vítimas no IC8, onde a coordenação institucional foi notável, naturalmente que a articulação de hoje é mérito de todo um trabalho de um passado recente, é nossa obrigação diária concorrer para que cada vez mais essa articulação seja notória e o resultado do seu trabalho em proveito da melhor proteção e socorro a prestar aos nossos concidadãos.

**E a relação com os Comandos Distritais?**

Excelente, nem concebo poder ser de outra forma.

**Que ideias têm os responsáveis da proteção civil dos outros países em relação a Portugal?**

Muito boa, a julgar pelas opiniões dos peritos com quem tenho trabalhado. Devo até notar que em muitas áreas da

proteção e socorro, o nosso País está ao nível do que melhor se pratica nos países de referência no setor. Esta avaliação é também facilmente comprovada quando equipas Portuguesas participam em exercícios internacionais, quer ao nível de recursos humanos quer em recursos materiais.

**Que experiências internacionais poderiam ser aplicadas em Portugal?**

As melhores práticas de alguma forma têm sido absorvidas pelos diferentes Agentes de Proteção Civil, sendo certo que as realidades e os riscos mais significativos de cada país são diferentes, se atendermos aos países do Norte e Sul da Europa, as suas preocupações estão orientados de forma diferente. Os países do Sul, e os mais afectados pelos incêndios florestais têm tido projectos internacionais comuns de forma a difundirem as melhores práticas nesta temática, como por exemplo o projecto FIRE4.



**Que desafios se impõem atualmente ao Sistema Nacional de Protecção Civil e aos agentes de Protecção civil?**

Neste sector os desafios são permanentes, no que se refere ao sistema nacional de protecção civil, os desafios imediatos prendem-se com a nova lei orgânica da ANPC, a alteração ao SIOPS e aos demais enquadramentos legais que estas alterações obrigam, ou seja, conseguirmos adequar cada vez mais o setor da protecção e socorro à nossa realidade suportada numa análise técnica.

**O governo manifestou intenção de reestruturar a protecção civil, o sistema de financiamento dos corpos de bombeiros e até as competências da Escola Nacional de Bombeiros no que toca à formação. Sendo um amplo conhecedor da realidade**

**dos bombeiros ao nível nacional, com que expectativa olha para estas alterações?**

Quanto à reestruturação do sistema, julgo estar respondido na questão anterior, quanto à segunda parte da questão não é do âmbito da minha competência, contudo não deixarei de referir que o sistema de financiamento dos Corpos de Bombeiros é importante que o mesmo venha a ser estabelecido para que de forma muito objetiva todas as partes saibam com o que contam a cada momento, quanto à Escola Nacional de Bombeiros e a formação por ela ministrada, essa será sempre uma necessidade, até porque a progressão na carreira de bombeiro está directamente relacionada com determinada formação, pelo que se trata de uma instituição determinante para atingir os melhores resultados para o setor.

**Considera que, atualmente, a protecção civil nacional está preparada para fazer frente a grandes fenómenos? Há meios humanos e materiais suficientes?**

A resposta aos últimos eventos responde a esta questão. Contudo temos a consciência que os meios são finitos, sejam humanos sejam materiais, ou seja o sistema foi testado recentemente com mais de 9500 ocorrências em 16 horas, em termos de operações de protecção e socorro a resposta foi extraordinária, constituindo máximos até aqui nunca registados, tendo existido momentos em determinadas áreas do território em que tivemos ocorrências em espera, mas esta foi a excepção, pelo que diria que os meios serão os adequados às nossas necessidades, numa permanente procura

de melhoria continua.

**Que lições é que devem ser retiradas do grande incêndio do Algarve? Considera necessário repensar o planeamento de meios e recursos humanos ao nível nacional?**

As condições que o nosso País apresenta, quente e seco, no período do Verão, associado a outras variáveis, potenciam situações no âmbito dos incêndios florestais que nos obrigam à elaboração de um dispositivo especial e à tomada de medidas de excepção. Foi o que aconteceu no incêndio do Algarve, que representou uma das mais complexas operações de protecção civil vivida no país, e que obrigou ao envolvimento de mais de um milhão de operacionais e centenas de meios terrestres e aéreos. O país tem que

continuar a trabalhar – especialmente na área da prevenção – para que situações desse tipo não voltem a ocorrer.

**Portugal foi recentemente afetado por um tornado e por um fenómeno meteorológico raro que deixou rastros de destruição em todo o país. A protecção civil portuguesa está preparada para dar resposta a este tipo de ocorrências, que se têm tornado cada vez mais frequentes?**

Estes fenómenos são cada vez mais frequentes um pouco por todo o mundo, contudo julgo que de alguma forma já respondi a esta questão nas perguntas anteriores, a resposta tem sido a adequada, sendo certo que todos temos margem para melhorarmos determinados aspetos, nomeadamente no âmbito da sensibilização e prevenção, que passa muito pela forma como a população entende e difere os avisos dos diferentes estados de alerta e como se adequa/prepara para enfrentar determinadas condições meteorológicas adversas amplamente anunciadas e alertadas.

**Durante o temporal ocorrido nos dias 19 e 20 de janeiro vários autarcas denunciaram a existência de problemas no SIRESP. Dizem que não funcionou. Essa situação já foi identificada? O que está a ser feito para ser solucionada?**

As comunicações são uma das variáveis imprescindíveis e não podemos descurá-la porque sem comunicações não podemos ter um bom sistema de apoio à decisão. Foi uma das lições aprendidas deste episódio meteoro adverso. De qualquer forma importa sublinhar que não houve nenhuma decisão operacional que tivesse sido posta em causa devido a estas falhas. Identificada que está esta questão, a mesma foi reportada para que sejam encontradas soluções técnicas.

**Também recentemente foram noticiadas algumas debilidades e nível de operacionalidade em situações de nevões. Na Guarda, por exemplo, a falta de meios fez com que o sal fosse deitado à mão nas vias. A que se devem estas falhas que são recorrentes nesta altura do ano?**

A mim não me chegou nenhum reporte associado aos nevões, mas admito que a ter existido o mesmo tenha sido dirimi-

do no âmbito do respectivo Serviço Municipal de Protecção Civil.

**Como avalia o trabalho desempenhado pela Força Especial de Bombeiros?**

A força especial de bombeiros conquistou pela sua competência e trabalho efetivo um espaço significativo no âmbito da protecção e socorro. É uma força constituída por 250 elementos de implantação nacional mas com intervenção dedicada a um conjunto de distritos. Constitui uma mais-valia à ordem do Comando Nacional respondendo de forma diferenciada a um conjunto significativo de diferentes tipologias de ocorrências.

**De que forma é que os bombeiros profissionais, tutelados pelas autarquias, poderiam ser integrados de forma mais acentuada nas operações nacionais de socorro, como incêndios florestais, chuvas e cheias?**

Nenhum dos bombeiros Portugueses, independentemente da sua condição ou tutela, estão dispensados de integrar o sistema integrado de operações de protecção e socorro, seja qual for a tipologia da ocorrência.

**Que objetivos é que gostaria de alcançar enquanto Comandante Nacional de Operações de Socorro?**

Os que estão plasmados na legislação. Os resultados a alcançar por via do cumprimento dos objetivos, constituirão certamente boas notícias para todos nós.

**A ANBP tem vindo, ao longo dos anos, a apresentar contributos para a melhoria do sistema de protecção civil e bombeiros. De que forma é que avalia esta participação? Considera-a uma mais-valia?**

Naturalmente que sim. Contrariamente ao que possa ser comumente aceite, não existem muitas pessoas a pensar o setor, tendemos, todos, a ser mais reativos do que “planeadores”. Não somos assim tantos que possamos dar ao luxo de desperdiçar os contributos daqueles que entendem a cada momento colaborar, pelo que todos os que entendem poder acrescentar algo não devem deixar de o fazer, se tem colhimento ou não será avaliado numa outra fase, mas em consciência não devemos nunca de o deixar de fazer.

# Reportagem na Serra da Estrela

## Equipa de Resgate em Montanha da Força Especial de Bombeiros



**H**abituámo-nos a associá-los aos incêndios florestais e a vê-los como a Força Especial cujos elementos, vestidos de amarelo, descem de helicóptero para o ataque de primeira intervenção nos incêndios florestais. Mas a Força Especial de Bombeiros (“Canarinhos”) desempenham uma função bem mais abrangente: são homens e mulheres treinados para atuarem, por exemplo, em operações de resgate em montanha. Que o digam os 21 elementos destacados para desempenharem o seu trabalho na Serra da Estrela, a maior cordilheira montanhosa de Portugal Continental.

Na Torre, a dois mil metros de altitude, a Força Especial de Bombeiros está pronta a responder a qualquer pedido de

socorro e nem as baixas temperaturas os demovem de cumprir a sua missão. As suas instalações têm apenas como vizinho um café/ restaurante e como visitantes os turistas que por ali passam entre dezembro e abril.

Alguns que por ali passeiam olham com curiosidade para aquele grupo de homens com fardamento especial, mas facilmente os reconhecem como uma equipa a quem se pode pedir socorro: à porta, uma ambulância de uma corporação de bombeiros voluntários das localidades mais próximas está pronta para qualquer emergência. A ela associam-se outras viaturas, prontas a actuar em operações de resgate.

O Grupo de Resgate e Montanha da FEB é reunido sazonalmente para integrar o Plano Operacional Nacional da Serra da Estrela da Autoridade Nacional de Protecção Civil, do qual fazem também parte os Corpos de Bombeiros dos distritos de Castelo Branco (Covilhã) e



Guarda (Loriga, São Romão, Gouveia, Seia e Manteigas) e ainda o Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro (GIPS) da GNR, num total de 108 operacionais e 27 veículos.

É constituído por elementos da Primeira Companhia, composta pelo Grupo da Guarda e de Castelo Branco. Dos 90 que compõem o efectivo conjunto destes dois grupos são subtraídos 20 especificamente para este grupo sazonal, sendo dez oriundos do conjunto da Guarda e outros 10 de Castelo Branco.

O Grupo de Resgate e Salvamento em Montanha surgiu primeiro como Brigada, em 2009, sendo composto apenas por 10 elementos da Guarda. Em 2010 evoluiu para a situação em que hoje se

encontra. A integração desta Força Especial no Plano Operacional Nacional da Serra da Estrela da ANPC veio reforçar o dispositivo e trouxe “uma melhoria quer no número de pessoas, quer na qualidade do socorro”, reconhece o Comandante da Força Especial de Bombeiros, José Realinho.

“Na Serra estamos apoiados em duas bases: uma a Norte (em relação à Torre) a do Sabugueiro, onde está uma equipa estacionada com uma equipa de resgate



Equipamento utilizado pela equipa de resgate e montanha

em Montanha; e outra base mais a sul, nas cortes do meio, onde está uma equipa com veículo de resgate”, explicou à Alto Risco o comandante da primeira Companhia Pedro Nunes.

A área de atuação da zona mais a norte “tenderá a fazer a zona norte da Serra (Penhas Douradas e Vale do Rosio e depois do Sabugueiro à Torre, via Lagoa Comprida; a base mais a sul tenderá a fazer a zona da serra (desde as Cortes aos Piornas, desce ao Vale Glaciar e sobe até à Torre)”, explica.

Diariamente há uma equipa de permanência na Torre, havendo alternância entre as duas. À equipa que fica na base, cabe a verificação, também diária, do estado dos equipamentos, do material e das viaturas, fazendo um rigoroso “check list” para que esteja sempre tudo apto e para que nada falhe quando o socorro é solicitado.

É também nas bases que fazem preparação física e desenvolvem treinos com plano específico de treino em montanha, com reconhecimento dos locais de riscos dos trilhos, notas sobre pontos de referência e observação. “É um trabalho feito semanalmente de acordo com um plano de instrução aprovado superiormente pelo comando e que vigora desde dezembro até abril”, explicou à Alto Risco o Comandante da Força Especial de Bombeiros, José Realinho.

#### Uma formação especial para uma missão exigente

As características do terreno e a imprevisibilidade da situação atmosférica da Serra da Estrela exigem a quem nela presta socorro uma preparação especial.



Viaturas utilizadas no socorro na Serra da Estrela



Equipa de Resgate e Montanha da Força Especial de Bombeiros

José Realinho explica que houve um processo de selecção entre os 90 elementos dos dois grupos para chegar aos 20 que constituem este grupo sazonal. Entre os pré-requisitos estava a necessidade dos elementos da FEB residirem na área, já que esse facto lhes conferia um melhor conhecimento do terreno.

Após a selecção, iniciou-se uma formação que “assentou em questões que têm a ver com a serra (com ou sem neve), progressão, condução de veículos, técnicas de busca e salvamento e salvamento em grande ângulo”, explica. A formação foi garantida por formadores da própria Força Especial de Bombeiros e “já tem algum patamar de qualidade”. Ainda assim, existe a intenção de atribuir às chefias do grupo uma “formação diferenciada com outros grupos europeus que já têm muita experiência nesta área”, nomeadamente em Espanha e França.

“Daqui para a frente, tudo o que for evolução técnica tem que ser fora de Portugal”, reforça Pedro Nunes. “Este grupo, treinado em condições extremas, com mais facilidade pode trabalhar noutras e nunca se sabe se podem ser mobilizadas para uma missão exterior”,

reforça.

“Para se trabalhar na Serra é necessária a parte física estar muito trabalhada, porque trabalhar a 1600 metros (de altitude) é muito difícil. Todo o efectivo que está neste grupo tem que ter uma ambientação ao local.

#### A importância do equipamento

Para uma missão difícil, desempenhada em condições meteorológicas adversas, visibilidade quase nula em determinadas circunstâncias e com alterações ao minuto, a Força Especial de Bombeiros conta com equipamento específico para montanha que permite efectuar técnicas específicas em montanha ou retirar vítimas de uma ravina. “Tudo isto implica um conjunto de equipamentos colectivos e individuais”, lembra o Comandante José Realinho

O Grupo de Resgate em Montanha pode contar, desde Dezembro de 2012, com uma nova Viatura VETA, atribuída pela ANPC ao Grupo da Guarda. Este veículo está habilitado para operações de desencarceramento (em caso de acidentes com automóveis, em que seja necessário extrair vítimas) de estabiliza-

ção de veículo e possui equipamento de desobstrução de vias de acessibilidade. É uma viatura polivalente, que deverá reforçar a capacidade de apoio a operações de ataque ampliado no combate aos incêndios florestais.

No seu interior está equipado com material de desencarceramento e extensores, facilmente transportáveis pelos elementos da FEB, dezenas de metros de cordas, ganchos, escada extensível, kits de montanha. Está ainda equipada com um sistema de comunicação e GPS de última geração, sendo estes últimos indispensáveis para encontrar pessoas perdidas nos trilhos. “Temos todos os trilhos reconhecidos e referenciados em GPS de última geração que nos dão garantias de funcionarem em condições atmosféricas adversas”, explica o Comandante Pedro Nunes.

O GPS é, de resto, um elemento fundamental para encontrar quem se perde, aliado ao conhecimento e ao rigoroso treino nos trilhos da serra, muito frequentados pelos turistas. “Se tiver um bom GPS e o trilho referenciado e reconhecido, rapidamente chegamos à pessoa (que pede socorro) - é esse o tra-



balho de treino e instrução feito”, explica Pedro Nunes.

À parte destes meios – equipamentos e veículos com tracção às quatro rodas que permitem operações de socorro neste tipo de ambiente - são ainda valorizados os equipamentos de protecção individual. “Para prestar um socorro eficaz é importante que as pessoas que o fazem tenham um equipamento adequado, com condições de segurança e conforto. Isso implica que todos os elementos tenham o equipamento e o fardamento adequado à esta missão”. Garantido o equipamento necessário e o treino específico, a união e o trabalho de equipa contribuem para uma operação de sucesso.

“Aqui o espírito de equipa tem que funcionar em dobro e é 50% técnico e 50% físico”, defende Pedro Nunes, lembrando que o socorro a uma vítima, mesmo ligeira, nestas condições atmosféricas e geográficas, “implica um esforço físico tremendo por parte do socorrista”. Além da tarefa de chegar à vítima (simplificada se esta conseguir dar as coordenadas da sua localização), há ainda que transporta-la debaixo de temperaturas negativas e com pouca visibilidade. Este trabalho é simplificado quando as condições atmosféricas



Material de Desencarceramento



Kits de montanha



permitem a ajuda de um helicóptero de resgate, o que nem sempre acontece.

#### Perto de 200 missões só em dois meses

Mas a Força Especial de Bombeiros que atua na Serra da Estrela não tem apenas a missão de busca e resgate. Os seus elementos são também chamados a desempenhar missões de assistência pré-hospitalar, para o que estão devidamente preparados. Em todas as equi-

pas há elementos TAS (habilitados para transporte de ambulância de socorro) que rapidamente chegam ao local para onde são solicitados.

Desde dezembro de 2012 até ao início do mês de fevereiro de 2013, a equipa de Resgate e Montanha desempenhou 187 missões, quatro das quais de emergência pré-hospitalar e cinco de evacuação. Na época anterior, entre dezembro de 2011 e abril de 2012, desempenharam 417 missões, sendo uma de busca e sal-



Casacos para Desencarceramento



vamento, seis de emergência pré-hospitalar e cinco missões de evacuação. Na época anterior, as missões chegaram perto das 500, com dez evacuações, sete emergências pré-hospitalares e cinco de busca e salvamento.

Na história desta equipa conta-se já episódios de evacuação de pessoas com membros partidos e até de assistência a uma mulher que entrou em trabalho de parto, ao descer a serra. Há ainda um grande número de missões que se





Da esquerda para a direita: Comandante da 1ª Companhia da FEB, Pedro Nunes e Comandante da FEB, José Rialinho



GPS utilizados na localização de perdidos



Recarregador de baterias



desencadeiam porque os visitantes (que aos fins-de-semana se multiplicam, devido a excursões organizadas), pouco habituados às mudanças brusca das condições atmosféricas, se perdem ou deixam de ter visibilidade. “ Na Serra o mais comum é a desorientação ou a mudança das condições meteorológicas, ou alguém se sentir mal”, explicam à Alto Risco elementos da FEB. Outro perigo é alguém cair numa ravina de 50, 100 ou 120 metros de onde é preciso resgatar.

Apesar das dificuldades encontradas no desempenho do seu trabalho, os profissionais desta Força Especial de Bombeiros não hesitam em dizer que gostam do que fazem. Dia após dia, são eles quem “fecha a porta” da Torre da Serra da Estrela, abandonando o local apenas quando já ninguém lá está.

## Descrição sinóptica:

O Guião da Força Especial de Bombeiros, de forma quadrada e fundo em quadrícula amarela e branca, apresenta um conjunto de elementos e cores que espelham a sua missão, as suas características e os seus objetivos específicos, numa conjugação que se pretende simultaneamente harmoniosa e inconfundível.

Com a finalidade de criar uma simbologia representativa da Força Especial de Bombeiros e com o objetivo de lhe atribuir uma identidade única, entre as demais forças e unidades que operam na área da proteção e socorro, recorreu-se, em primeiro plano e imediatamente abaixo da designação da Força, à inserção de um dístico de forma circular, onde se destaca um par de asas amarelas, as quais representam a ideia de genialidade, agilidade, mobilidade, rapidez, mas, também, o conceito de proteção contra as catás-

trofes, uma proteção direcionada para a defesa da vida humana, da propriedade e do ambiente.

As asas surgem projetadas sobre um fundo de cores verde e azul que representam – o elemento “Ar”, o elemento “Terra” e o elemento “Água” que fazem parte, a par do elemento “Fogo”, dos quatro elementos que regem o nosso planeta e nos quais intervêm a Força Especial de Bombeiros.

Sob as asas desenha-se o símbolo do Sistema Nacional de Proteção Civil numa alusão à trilogia – cooperação, coordenação, informação – do Sistema Integrado de Operações de Proteção e Socorro, um conceito que se pretende central, congregador e potenciador de todas as sinergias provenientes das várias entidades que colaboram ou intervêm no âmbito deste Sistema. Destaca-se ainda um triângulo azul sobre um fundo laranja, internacionalmente identificador da Proteção Civil, que confere a todos quanto o utilizam, para além de idoneidade e imparciali-

dade, a necessária proteção e identifica a Força Especial de Bombeiros como um interveniente ativo e determinante nas ações de proteção civil, seja em território nacional, seja num cenário internacional.

Sotoposto ao referido dístico, surge um listel azul com a divisa “Per Angusta ad Augusta”, expressão latina que nos transmite o lema pelo qual a Força Especial de Bombeiros pauta toda a sua conduta – “Do desafio ao triunfo”. Este lema reflete a filosofia, a coragem, a abnegação e o sentido do dever que caracterizam a forma de estar e de agir desta Força.

O presente Guião, cuja criação se impõe pelo princípio básico de que cada unidade deve possuir uma simbologia representativa, apresenta-se como um símbolo moderno, fora da linha heráldica tradicional e identifica a Força Especial de Bombeiros como uma unidade de excelência no âmbito da proteção civil e do socorro.

Fonte:ANPC

**“A sociedade precisa de mais humanidade, de menos indiferença, de mais empatia e solidariedade”**

Os Censos realizados em 2011 pelo Instituto Nacional de Estatística retratam a população portuguesa como envelhecida. No espaço de 30 anos, Portugal perdeu um milhão de jovens entre os zero e aos 14 anos e ganhou 900 mil idosos (com idade superior a 65 anos). Por cada 100 jovens, existem 129 idosos, ou seja, mais 27 do que há 10 anos. Durante 2012 foram desenvolvidas várias iniciativas no âmbito do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações, onde se pretendeu focalizar as necessidades e desafios que se impõem perante esta nova realidade.

A Revista Alto Risco falou com Joaquina Madeira, presidente da Comissão Nacional do Ano Europeu do Envelhecimento ativo e de Solidariedade entre Gerações.

# Q

**Qual o balanço global que faz deste Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações?**

O Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e

da Solidariedade entre Gerações terminou no calendário, mas não nas ações e na intervenção concreta. A avaliação dos resultados do Ano Europeu deve ser focada na continuidade das ações e na tomada de consciência dos desafios que nos batem à porta. Nestes dois aspetos há boas evidências da dinâmica que foi criada e da vontade, expressa por todos os intervenientes, conscientes de que o caminho de futuro

**“tomaram iniciativas de incentivo a mais formação para uma maior inclusão dos mais velhos no mercado de trabalho”**

é criar uma sociedade mais inclusiva, de que importa desenvolver políticas e ações concretas que melhorem a vida dos nossos concidadãos mais velhos. Não podemos medir com rigor os resultados, mas podemos afirmar que se tomaram iniciativas de incentivo a mais formação para uma maior inclusão dos mais velhos no mercado de trabalho, à criação de mais redes de solidariedade de proximidade para acompanhar e apoiar os cidadãos que vivem em condições de maior dependência e isolamento, de mais suportes tecnológicos para a promoção de autonomia, e de alargamento da rede de Academias e Universidades Seniores, para além de projetos, que se tornarão em práticas correntes e que aproximem gerações, envolvendo escolas, universidades e cidadãos em iniciativas conjuntas ou na criação de oportunidades de troca de experiências. Enfim, estamos cientes que a semente foi lançada e que ela frutificará a todos os níveis, pois o futuro está numa sociedade mais amiga das pessoas idosas e, como tal, de todos os cidadãos.

**Qual foi o principal enfoque nas iniciativas realizadas em Portugal?**

O principal enfoque foi na realização concreta de ações de proximidade e da melhoria das condições de vida das pessoas mais idosas, na base do território. Importa ainda referir a importância que foi dada à realização de encontros, seminários, tertúlias que parecendo iniciativas

pontuais, têm a maior importância para as entidades mostrarem o que já fazem, para um pouco para refletir o que estão a fazer e como e, assim, aperfeiçoarem a sua intervenção, ensinando e aprendendo uns com os outros. A mais-valia deste Ano foi ter vindo reforçar e estimular o que as entidades locais, universidades, IPSS já estavam a fazer neste campo. Temos ainda, a garantia de continuidade destas ações, pois elas, na sua grande maioria serão incorporadas nos planos de ação das entidades. Sublinho que toda a dinâmica desenvolvida veio contribuir para dar uma visão positiva e ativa das pessoas idosas, ao arripio da representação negativa mais corrente na sociedade de que as pessoas idosas, são na sua generalidade incapazes e inúteis e por isso são arrumadas para um “território de inutilidade”. Sabemos que tal não corresponde à realidade, pois uma parte significativa das pessoas com ou mais de 65 anos continuam autónomas, de boa saúde, participativas na sociedade. Uma boa parte trabalha ou são úteis aos seus familiares, no apoio às crianças e aos seus mais dependentes. Como também temos conhecimento, que a grande maioria das direções voluntárias das nossas IPSS, Misericórdias e outras associações de intervenção local são pessoas mais idosas que dão assim um contributo muito positivo à comunidade e aos cidadãos, sobretudo os que mais precisam.

**De que forma a sociedade civil aderiu ao espírito deste Ano Europeu?**

A sociedade, de uma forma geral captou, compreendeu e empreendeu de forma muito dinâmica a mensagem do Ano Europeu, traduzindo-a em ação concreta e realizadora. De facto o tema do envelhecimento ativo e da solidariedade entre gerações é um tema muito atual e muito desafiante. As organizações e entidades de base local, nas quais destaco também os municípios, têm uma particular sensibilidade e atenção para esta realidade, porque ela lhes “bate à porta” e aí são solicitadas, diria até pressionadas a agir. E o que importa realçar é que têm feito da melhor maneira, cooperando e unindo esforços, e assim têm sido criadas sinergias que resultam do reforço e da articulação, dos recursos e dos saberes de cada parte envolvida. Criar redes de cooperação, de forma intensa, partilhando recursos em função de objeti-

vos concretos, será a melhor maneira de intervir nestes tempos conturbados e difíceis em que vivemos.

**A proposta deste Ano Europeu apontava três vertentes: emprego, participação na sociedade e autonomia. Portugal conseguiu avançar em alguma destas áreas?**

Não tenho dúvidas que Portugal está a avançar em todas as áreas referidas. Na área do emprego sénior, Portugal está entre os 10 melhores países da União Europeia, com uma taxa de emprego entre os 60 e mais anos de idade, superior à média europeia. No entanto, estes dados carecem de uma análise qualitativa que deve ser feita e que o Ano Europeu-2012 se propõe elaborar, no sentido de se avaliar os pontos fortes, mas também os pontos críticos que ainda existem nesta área. Quanto às áreas da participação social e da autonomia das pessoas idosas muito se está a fazer, mas ainda temos um caminho longo a percorrer. Mas quero sublinhar que muito do que está a ser realizado tem como objetivo estas duas dimensões – autonomia e par-

**O quadro legislativo português, cria condições para o emprego de cidadãos com 65 e mais anos**

ticipação. Não há participação social sem autonomia e esta implica saúde, suficiência financeira, acessibilidade, entre outros. Temos avanços, como são as academias seniores que nos dão a medida de que cada vez mais os mais velhos têm melhores condições de vida.

**Na questão do emprego, considera que os trabalhadores mais idosos têm, atualmente, condições para estarem/ continuarem no mercado de trabalho? Ou esta questão tem a ver sobretudo com o debate sobre a idade da reforma, em Portugal?**

O quadro legislativo português, nomeadamente o da segurança social, cria condições para o emprego de cidadãos com 65 e mais anos, mediante como é óbvio, determinadas condições. Até permite o exercício cumulativo da atividade profes-



## Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações 2012



sional com a reforma, continuando assim a proceder-se aos descontos, o que terá como consequência um reforço progressivo do montante de reforma, em função dos descontos efetuados. A questão do emprego dos seniores depende de três fatores. De estarem criadas condições legais para a continuação de uma atividade profissional para além dos 65 anos, da vontade do próprio e naturalmente do contexto económico, isto é da oferta de oportunidades de emprego para estas idades. Parece-me que no momento que estamos a viver, a principal dificuldade será ao nível do mercado de trabalho e da reduzida oferta de emprego para a população em geral, e naturalmente para os mais seniores, em particular.

### O Ano Europeu serviu, sobretudo, para alertar para a questão demográfica?

As questões demográficas são, na realidade uma questão central que arrasta muitas outras, e sendo importante não é a única. Ora vejamos. Alterando-se a pirâmide etária, no sentido do envelhecimento gradual da população, altera-se o perfil sociodemográfico da população e assim colocam-se novas questões de natureza social, económica e cultural à sociedade. Está em causa uma revisão profunda dos modelos e prioridades dos sistemas de saúde, segurança social, transportes, mercado de trabalho, entre outros. A questão demográfica, vem assim desafiar a atual forma de organização social e económica, e exigir uma transformação profunda nos sistemas que referi, pois eles estão desadaptados face às expectativas e necessidades dos cidadãos, como aliás todos reconhecemos. Um dos mais críticos serão os da segurança social e saúde, mas não só.

Por isso a Organização Mundial de Saúde lançou o conceito de envelhecimento ativo no sentido participativo, pois não é pela idade que os cidadãos deixam de fazer parte da sociedade e serem úteis à comunidade em geral. Sabemos que uma grande parte das pessoas de 65 e mais anos continuam a trabalhar, independentemente de estarem no mercado de trabalho tradicional. Desde

o trabalho voluntariado, até ao apoio que prestam aos filhos e netos, ou aos cuidados que asseguram aos familiares mais dependentes. Nas profissões liberais ou empresariais não existe idade/ fronteira para deixar de trabalhar. As pessoas continuam a ser ativas não em função da idade, mas das capacidades e de vontade, ou da saúde que têm. O envelhecimento ativo exige que cada um cuide de si de forma a envelhecer com qualidade e participação na sociedade, e que esta proporcione as melhores condições para os cidadãos envelhecerem com saúde, segurança e participação cívica.

### Considera que a crise financeira que atinge a Europa e, em particular o nosso País, pode estar a travar medidas de incentivo ao envelhecimento ativo?

Todos sabemos que o momento crítico que vivemos, não é favorável ao desenvolvimento de condições e oportunidades que melhorem a qualidade de vida dos cidadãos em geral o que se repercutirá na própria qualidade dos processos de enve-

**A sociedade precisa de mais humanidade, de menos indiferença de mais empatia e solidariedade**

lhecimento. Se existirem mais problemas no acesso aos serviços de saúde, menos rendimentos, menos mobilidade, teremos certamente menos bem-estar e qualidade de vida. Mas a crise também nos deve despertar para a solidariedade e para ações de voluntariado, que não irão certamente resolver os problemas de fundo, mas ajudarão a suportá-los melhor. A sociedade precisa de mais humanidade, de menos indiferença de mais empatia e solidariedade. Todos estamos a sofrer neste momento, uns mais do que outros, então liguemo-nos numa corrente solidária em que nos

ajudamos uns aos outros partilhando afetos, companhia, apoios de proximidade que possivelmente são até mais importantes que os materiais. Sobreponhamos à crise económica os valores que nos unem e que nos podem ajudar nesta hora difícil.

### O diálogo e a solidariedade entre gerações está, hoje em dia, mais facilitado? É mais promovido no espaço público?

O diálogo e a solidariedade intergeracionais são um dos fundamentos de uma sociedade que progride e avança e por isso têm que ser reforçados a todos os níveis. O primeiro nível é a família. Mas se é essencial que comece no contexto intrafamiliar, a sociedade, através das suas organizações e das suas políticas, tem que criar condições para aproximar as gerações e as idades. Construímos uma sociedade que tem agido exatamente no sentido de separar. Separou territórios, famílias, gerações e idades. É tempo de criarmos novos modelos e condições para a sua aproximação e mesmo integração, de forma nova, eu diria mesmo, arrojada. A escola, os equipamentos sociais, as universidades, os locais de trabalho, devem ser territórios plurigeracionais, no sentido de ligar as complementaridades e do reforço do (re) conhecimento mútuo. Todos ganhamos se juntarmos os conhecimentos e experiências que são tão diferentes e tão complementares em cada geração e por isso tão sigérgnicos. No AEEASG desenvolveram-se projetos muito interessantes e promissores neste campo, sinal de que se vai tomando consciência da necessidade em investirmos neste capital social primário, que é a coesão entre gerações.

### 2013 vai ser o “Ano Europeu dos Cidadãos” – de que forma a temática do envelhecimento ativo e solidariedade entre gerações pode ter “continuidade”, num ano em que se vai assinalar a mobilidade dos cidadãos da Europa?

Considero que o conceito envelhecimento ativo nos transporta para a ideia de cidadania. Temos o dever de nos “cuidarmos” no sentido de envelhecermos de

forma ativa, participativa e segura. Mas também temos o direito que a sociedade proporcione condições e oportunidades de vivermos e envelhecermos com qualidade, de forma autónoma, independente e útil para a comunidade. Ora, o conceito de cidadania tem sido o “fio condutor” desde o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social-2010 ao Ano Europeu do Voluntariado-2011e do próprio Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações-2012. Culmina em 2013 com o Ano Europeu do Cidadão. A abordagem é sempre feita na perspetiva dos deveres/ direitos e assim da responsabilidade de cada cidadão enquanto pessoa atuante, agente e membro da sociedade. O Ano Europeu 2013 é centrado na cidadania da união Europeia, para celebrar o vigésimo aniversário da introdução deste conceito no Tratado de Maastricht e do enorme adquirido que foi a livre circulação e benefícios subsequentes que têm afetado positivamente os cidadãos da Europa. Este Ano Europeu deve promover uma participação informada, ativa e inclusiva dos cidadãos no processo de integração europeia e na vida pública e social.

### Pode deixar uma mensagem final, enquanto coordenadora nacional do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações?

O objetivo farol do Ano Europeu foi o de criar uma cultura de envelhecimento ativo numa sociedade para todas as idades. A proposta é de transformação e mudança na nossa maneira de pensar e agir, relativamente a nós próprios e a tudo o que nos cerca. Não mais podemos pensar na idade como fator de discriminação e exclusão. Não mais podemos tratar os mais velhos como coitadinhos ou os que gastam os nossos dinheiros, porque são doentes e incapazes. Porque realmente assim não é e será cada vez menos. Precisamos realmente viver um envelhecimento ativo, mas para isso teremos que ser saudáveis ao longo do ciclo das nossas vidas, com comportamentos adequados e seguros para nós e para a comunidade a que pertencemos. Assim, devemos incorporar nos nossos estilos de vida os princípios que definem o que é envelhecer de forma ativa, participativa, segura e saudável, num exercício de responsabilidade individual e coletiva e por isso de CIDADANIA.





## Fire & Security: exposição voltou a Portugal em 2012

O evento NFPA-APSEI Fire and Security regressou em dezembro do ano passado ao Centro de Congressos do Estoril, sob o tema “Tendências e Tecnologias na Proteção e Segurança de Pessoas e Bens”. A organização estima que entre os dias 3 e 5 de dezembro, 1400 profissionais marcaram presença. Os participantes puderam assistir a conferências de vários especialistas nacionais e internacionais, cursos de formação e na exposição das empresas que apresentaram as suas “soluções de segurança”.

Num comunicado divulgado pela

organização, a secretária-geral da APSEI, Maria João Conde, sublinhou que a edição deste ano “foi um sucesso”, avançando que “durante três dias, empresas e profissionais da segurança puderam conviver num ambiente de intercâmbio de experiências, conhecimento e de criação de novos negócios”.

Esta foi a terceira edição organizada pela Associação Portuguesa de Segurança (APSEI) em parceria com a associação norte-americana National Fire Protection Association (NFPA), este ano com um novo formato. O evento decorreu com dois auditórios de conferências integrados no espaço da exposição, o que constituiu uma novidade em relação às edições passadas, e permitiu aos



participantes circularem livremente entre as apresentações.

A área de exposição foi dedicada à dinâmica comercial do evento e contou com a presença de várias empresas que puderam apresentar soluções de proteção contra incêndio, segurança eletrónica, equipamentos de proteção individual, segurança privada, socorro e emergência.

Para Maria João Conde, “com a terceira edição do NFPA-APSEI Fire and Security atingimos um patamar de maturidade e qualidade que se traduz num contributo real para o aumento de conhecimento em segurança no nosso país. Com o alargamento à segurança no trabalho e a contínua aposta em oradores reputados, acreditamos ter proporcionado ao setor um evento de grande qualidade e utilidade profissional. Com um setor profissional melhor preparado, estamos certos que teremos uma sociedade mais segura”.

O evento, que acontece em Portugal desde 2006, tem como objetivo divulgar melhores práticas de segurança, sensibilizar para uma cultura de Prevenção e Segurança de pessoas e bens, higiene e segurança no trabalho e proteção civil, proporcionar formação e informação e permitir exposição de soluções, produtos e equipamentos.

Pub

Pronto para intervir de forma rápida, com precisão, sem quaisquer complicações.

É também desta forma que actuamos!

Diga-nos qual é a sua “emergência”...

**Sistemas de Gestão**  
 Qualidade e Ambiente • Segurança Alimentar  
 Investigação Desenvolvimento Inovação (I+D+i) • Serviços em Tecnologias de Informação • (EMAS)  
 OHS DPC (Inamação CE)  
**Produtos e Serviços**  
 ...e comprove a nossa eficácia na Certificação!

**IPAC**  
 Manutenção de Extintores

**eic**  
 empresa internacional de certificação

Tel: 214 220 640 Fax: 214 220 649 Email: geral@eic.pt [www.eic.pt](http://www.eic.pt)



## Automóveis elétricos amigos do ambiente

A qualidade de vida das populações das grandes cidades, aliada a uma cada vez maior preocupação com o ambiente, tem levado as sociedades modernas a procurar soluções para contornar problemas como a poluição gerada pelo trânsito das grandes urbes. No ano de 2007, um estudo da Agência Europeia do Ambiente colocava Lisboa entre as cidades europeias com valores de poluição atmosférica relacionada com o tráfego automóvel superiores ao recomendado. Desde então, várias medidas têm sido implementadas na capital, com vista à redução de tráfego. Exemplo disso foi a limitação da circulação de automóveis com data anterior a 1993 e sem catalisador.

Do lado dos produtores de automóveis, tem havido também uma preocupação crescente no que toca à criação de veículos elétricos dentro das suas gamas. Hoje em dia, é possível encontrar veículos de duas rodas e veículos pesados com propulsão elétrica, passando por veículos utilitários, automóveis de passageiros e veículos comerciais. De acordo com a informação disponibilizada no site da Associação Portuguesa do Veículo Elétrico (APVE), a utilização de veículos elétricos rodoviários surge como uma alternativa viável para determinadas aplicações de mobilidade de transporte “quando enquadrados numa política concertada e sustentável de transportes”.

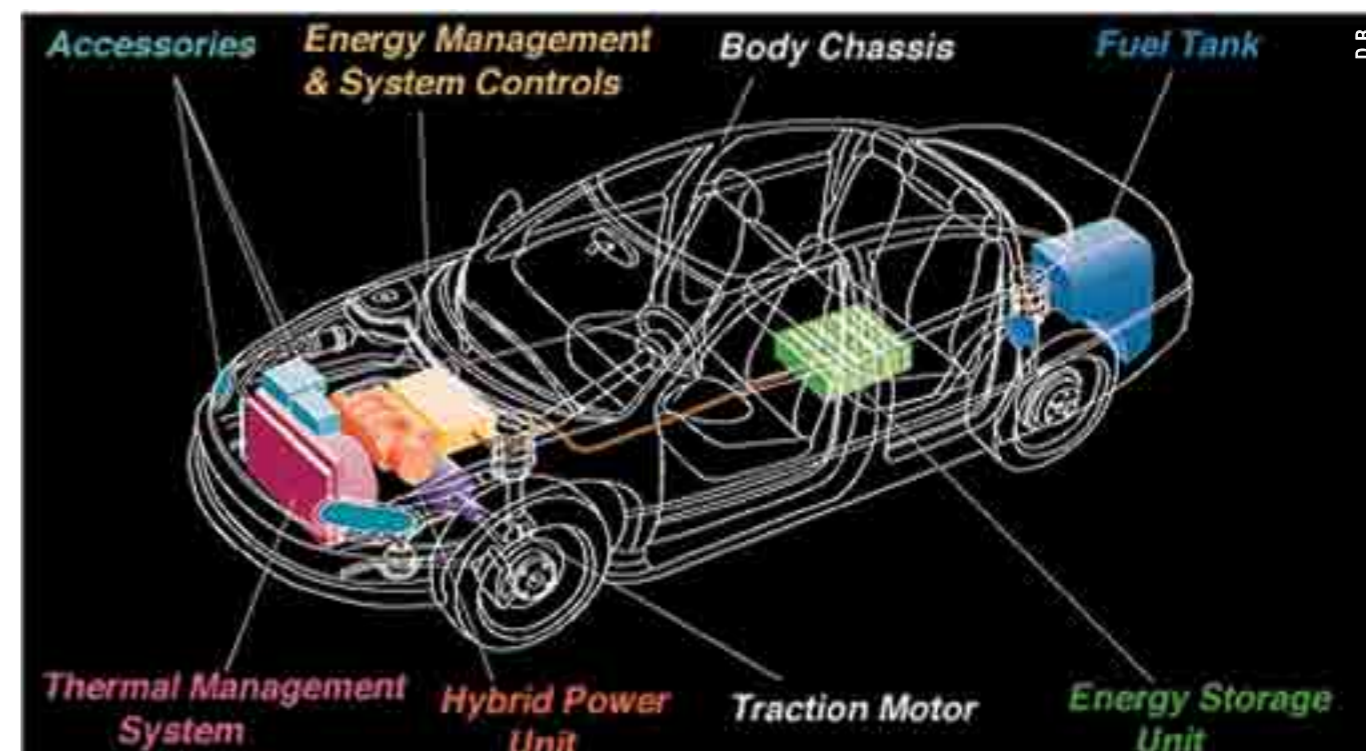
Há vários fatores que contribuem para que o veículo elétrico seja cada vez mais uma solução de mobilidade

viável. Por um lado, a evolução tecnológica do nível de baterias, com mais autonomia e mais potência. Por outro, o preço cada vez mais competitivo quando se analisa os custos de quilómetros percorridos. Há já várias marcas com modelos disponíveis, entre as quais a Nissan, a Fiat, a Renault, a Peugeot, a BMW, a Audi, a Mercedes e a Mitsubishi.

O preço destes automóveis começou por ser um obstáculo que vem sendo ultrapassado, com os preços atuais a situarem-se numa média de 30 a 40 mil euros.

### Vantagens e desvantagens dos veículos elétricos

Os veículos elétricos utilizam motores elétricos que convertem energia elétrica em energia mecânica à sua



propulsão, ao contrário dos automóveis comuns, em que a propulsão tem por base um depósito de combustível, um motor de combustão interna (que converte a energia armazenada no combustível em energia mecânica) e um sistema de transmissão mecânica às rodas. O veículo elétrico é a única solução 100% Zero-Emissões em utilização, seja no que toca ao ruído, emissões de gases efeito de estufa e emissões de poluentes.

O silêncio na condução (que dispensa o pedal de embraiagem e a caixa de condução), fica a dever-se à ausência de várias peças móveis do motor e também à ausência do sistema de escape, uma das principais fontes de ruído num automóvel.

A esta juntam-se outras vantagens como a travagem regenerativa, que utiliza o facto de um motor elétrico poder funcionar como gerador durante a travagem do veículo e a saída produzida, após convertida, ser usada para recarregar baterias- ou seja, o veículo devolve energia ao sistema.

Contam-se depois os aspetos positivos ao nível monetário. O custo da energia elétrica despendida por veícu-

los elétricos com um sistema de armazenamento de energia em baterias corresponde a um terço do valor do custo do combustível utilizado por veículos com motores de combustão interna, para a mesma distância percorrida e em condições idênticas de utilização. Se pensarmos, por exemplo, num veículo que circule a uma velocidade de 120 quilómetros por hora com um carro elétrico da Mitsubishi, por exemplo, gasta perto de 2€ por cada cem quilómetros em eletricidade, enquanto um carro em combustão pode gastar entre 6,6€ (a diesel) e 10,6€ (a gasolina).

Os veículos elétricos têm ainda menos custos de manutenção, já que não precisam de mudanças de óleo frequentes, nem de outras operações de manutenção. Ao nível de impostos, os automóveis beneficiam atualmente com a ausência de ISV e Imposto de Circulação.

Entre as grandes desvantagens dos Carros Elétricos encontram-se, por outro lado, o peso das baterias. Embora tenha havido avanços tecnológicos para que as baterias proporcionem uma autonomia interessante, o facto é que ainda pesam muito (algumas até

450 kgs) e têm um tempo de vida reduzido, entre os 160 000 e os 200 000 kms. O funcionamento das baterias a baixas temperaturas também poderá ser pouco eficiente.

Diretamente relacionada com a bateria está a autonomia dos veículos elétricos, sendo ainda limitada quando comparada com um veículo com motor de combustão. A autonomia poderá ser de 100 a 200 quilómetros, em média, dependendo do veículo, que quer dizer que em viagens longas deverá contabilizar o tempo de carregamento da bateria durante o percurso. Pesadas as vantagens e desvantagens destes veículos elétricos, a verdade é que este tipo de veículo já tinha conquistado em 2012 perto de 300 utilizadores. Ao todo, em Portugal haverá 1000 pontos de abastecimento elétrico.

Se está a pensar em trocar um veículo convencional por um a energia elétrica a diferença mais importante para o proprietário de um automóvel elétrico diz respeito aos hábitos de abastecimento do veículo. Quando se adquire um automóvel elétrico, o carregamento torna-se numa rotina involuntária.

# Técnico



## Benigno Gómez Sáez

Formador de **ACIDENTES DE TRAFEGO** do Serviço de Formação de la Deputação de Badajoz.

Formador do Consorcio Provincial de Extinção de Incêndios de Badajoz.

Sub-campeão do mundo de **EQUIPAS TÉCNICAS DE ACIDENTES DE TRAFEGO** em 2010.

Terceiro lugar a nível mundial na classificação geral de **ACIDENTES DE TRAFEGO** em 2010.

Campeão de Espanha de **ACIDENTES DE TRAFEGO** em 2011.

Terceiro lugar a nível mundial em **MANOBRA RÁPIDA** em 2012.

Autor do blog [traffic-rescue.blogspot.com.es](http://traffic-rescue.blogspot.com.es)



## Antonio Esteban Ortiz

Formador de acidentes de tráfego do Serviço de Formação da Deputação de Badajoz.

Assessor Nacional de **COMANDO DE EQUIPAS TÉCNICAS DE ACIDENTES DE TRAFEGO**.

Formador do Consorcio Provincial de Extinção de Incêndios de Badajoz.

Administrador e autor do blog [traffic-rescue.blogspot.com.es](http://traffic-rescue.blogspot.com.es)

# Veiculos híbridos e electricos



### HISTORIA:

- O primeiro veículo eléctrico aparece em 1830.
- No século XX 40% dos veículos eram eléctricos.
- Em 2004 aparece o primeiro veículo híbrido.

### DEFINIÇÕES:

#### Veículo híbrido:

É um veículo de propulsão alternativa, combinando um motor movido por energia eléctrica proveniente de baterias e um motor de combustão interna.

#### Veículo eléctrico:

É um veículo de combustível alterna-

tivo impulsionado por um ou mais motores eléctricos.

#### Motor eléctrico:

É uma máquina eléctrica que transforma energia eléctrica em energia mecânica por meio de campos eletromagnéticos variáveis. Alguns dos motores eléctricos são reversíveis, e podem transformar energia mecânica em energia eléctrica funcionando como geradores.

### CLASSES DE HIBRIDOS:

**Em serie:** o motor térmico só serve para mover o gerador.

**Em paralelo:** o motor térmico e o eléctrico movem-se ao mesmo tempo.

**Combinado:** tanto o térmico, como o eléctrico podem-se usar indistintamente.

### OUTROS HIBRIDOS:

#### Micro - híbrido:

Quando pára apaga-se o motor térmico.

#### Semi - híbrido o mild - hybrid:

O motor eléctrico utiliza-se como uma assistência ao motor térmico e além disso é gerador de energia nas travagens e em marcha lenta

#### Híbrido puro ou full - hybrid:

Pode-se circular em determinadas condições só com o motor eléctrico, enquanto o térmico está totalmente parado e as suas peças não trabalham.

#### Híbrido recarregável o PHEV:

Pertencem a este grupo se as suas baterias são recarregáveis mediante energia eléctrica convencional.

### COMO OS IDENTIFICAR?

Pelos anagramas ou insignias.



Nas aberturas/tampas dos depósitos.



Através dos cabos tanto do motor como por baixo do veículo são de cor laranja.



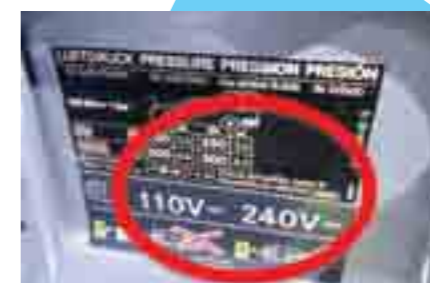
### Risco da alta tensão nos veículos híbridos e eléctricos

Os serviços de emergências tem de conhecer quais são as suas limitações na hora de enfrentar um resgate neste tipo de veículos dentro de um plano de segurança, primeiro temos que saber é a voltagem com que o veículo costuma trabalhar e a partir de que voltagens há riscos.

A Norma Europeia diz-nos que alta tensão é a partir de 1500 V e que baixa tensão é até 1500 V. Os veículos híbridos e eléctricos trabalham entre 110 V e 240 V, como podemos observar na imagem abaixo. Portanto enfrentamos um resgate de veículos híbridos e eléctricos de BAIXA TENSÃO.

### Porque é que os fabricantes põem nas suas insignias Alta Tensão?

Os fabricantes para poderem diferenciar a parte do motor eléctrico (híbridos-eléctricos) e suas baterias da parte eléctrica normal e comum ao resto dos veículos colocaram a palavra alta tensão à voltagem mais alta e baixa tensão para a parte de eléctrica com menos tensão, mas ambas partes são de BAIXA TENSÃO.



saltariam e os bombeiros podem actuar com normalidade.

3. Se só um dos dois cabos toca na água, o que sucede é que actuará como um aquecedor de água até que esgotasse a bateria.



### Como actuar perante um veículo eléctrico ou híbrido a arder?

Tratá-lo-emos como se se tratasse de um veículo normal, tomando as precauções pertinentes de segurança. Estes veículos ardem e comportam-se como se fosse um incêndio de uma habitação, ou seja, se por causa do incêndio se queimassem os cabos de corrente, saltariam os dispositivos de segurança e seria como se tirássemos o interruptor da bateria.



A tensão que estes veículos têm é mais ou menos a tensão que temos nas nossas habitações. Quem já mudou uma lâmpada em sua casa, já levou um esticão/choque eléctrico, e normalmente quando realizamos isto não o fazemos com protecção e muito menos com luvas. Não acho que ninguém tenha morrido por esta tensão e se por acaso ocorreu morte é porque houve intervenção de outros factores.

Portanto se os bombeiros estão preparados para todo o tipo de intervenções com alta tensão e baixa tensão, isto não pode ser um impedimento para resgatar as pessoas que estão presas nos veículos. Os bombeiros têm, isso sim, de intervir com equipamentos de protecção individual (EPI) e estar suficientemente protegidos para a tensão que vão encontrar.

### Questões de intervenção perante veículos híbridos e eléctricos nos seguintes casos:

1. Sempre que os cabos não estejam nus e tocam na água não há problema.
2. Se os cabos estão nus e tocam na água, os dispositivos de segurança



**Regra geral como actuar perante um veículo híbrido ou eléctrico acidentado?**

1. Neutralizar riscos e estabilizar o veículo.
2. Observar se o carro está ligado ou em marcha.



3. Se está ligado:  
Colocar a alavanca em posição de estacionamento (P), parar o carro, retirar a chave do veículo e desligar o conector de bateria de alta tensão (Baixa Tensão)



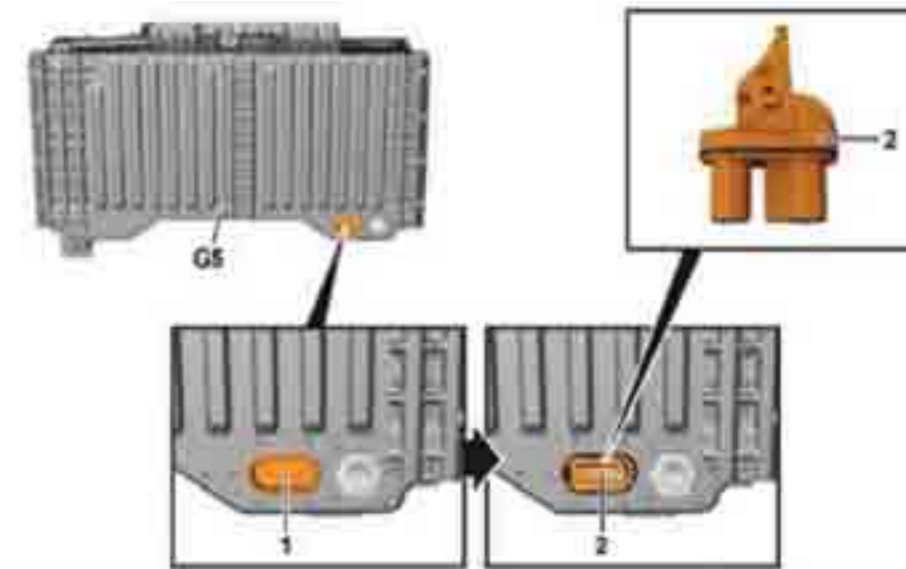
4. Actuar com normalidade.

**Como actuar perante um veículo \*híbrido ou eléctrico acidentado e no qual se possa desligar a bateria de alta tensão (Baixa Tensão)?**

1. Equiparem-se com o vosso Equipamento de Protecção Individual, completo e este será suficiente.

2. Em caso de acidente e que os cabos fiquem nus, seguramente que os dispositivos de segurança vão saltar, e caso não suceda isso a protecção que temos é suficiente para proteger dessa tensão (baixa tensão); e se virmos os cabos nus o que temos que fazer é tentar unir o cabo com chapa, e se possível, chapa nua e não à pintura "porque a pintura faz de isolamento à chapa", para que saltem os dispositivos de segurança e com este procedimento é exactamente o mesmo como se tirássemos o interruptor das baterias

3. No caso de, e por necessidade da operação, tivermos que cortar um cabo de cor laranja, saltariam os dispositivos de segurança além de fazer alguma dano na tesoura de corte, mas sempre com o equipamento de protecção individual posto.



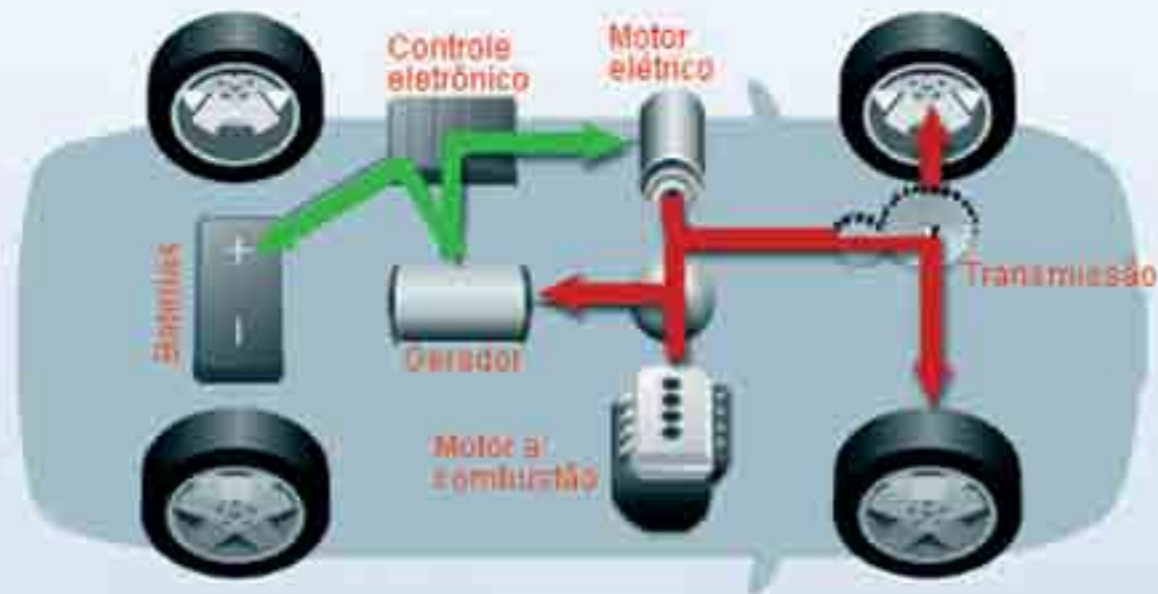
Pub

**JACINTO**

LÍDERES EM VEÍCULOS DE COMBATE A INCÊNDIOS

**Jacinto Marques de Oliveira, Sucri, Lda**  
 Rua do Campo Grande, 133 109  
 1600-498 Lisboa Portugal  
 21212121 - 21212121  
 21212121 - 21212121  
 www.jacinto-lda.com

D.R.



## Rescue Challenge



Equipa vencedora do RSB

## Rescue Challenge II em Vila do Conde

# A

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde e a Associação Nacional de Salvamento e Desencarceramento organizaram, a 17 de dezembro de 2012, em Vila do Conde, o Rescue Challenge II. Na competição marcaram presença 12 equipas, respondendo ao desafio de executar uma manobra standard que consiste na

extração de uma vítima não crítica no tempo máximo de 20 minutos.

A equipa do RSB venceu as categorias de chefe de equipa, equipa técnica e socorrista. Num máximo de 550 pontos, os Sapadores de Lisboa obtiveram 503.



Veja a frota da sua empresa desta forma.

**Com melhores serviços numa grande rede de Postos.**



Muito ou pouco, a sua empresa terá sempre grandes vantagens em trabalhar com o cartão **Galp Frota Corporate**. Um cartão de crédito que lhe dá descontos em combustível numa rede de 1430 postos em Portugal e Espanha, pagamento de portagens em artigos e todos os benefícios, gestão online da sua frota e atendimento ao cliente 24 horas por dia, 7 dias por semana. Entre outras vantagens que vão mudar a maneira como olha para a sua frota.

Informações: 202 500 000 [www.galpfrota.com](http://www.galpfrota.com)



**galp frota**  
Energia e Serviços  
Galp Energia





Equipa dos Municipais da Figueira da Foz

# Municipais da Figueira da Foz participaram na prova

**A** equipa dos Bombeiros Municipais da Figueira da Foz foi uma das 12 equipas que participaram na prova de competição de manobras de desencarceramento.

O grupo ficou em 4º lugar na manobra standard, destacando-se ainda o resultado obtido na prova de socorrista onde ficaram a um ponto do terceiro classificado e a sete do primeiro, em 200 pontos possíveis. De acordo com o chefe de equipa, “foi gratificante a participação, sobretudo porque foram aclamados pelos melhores peritos nacionais e internacionais, tendo em linha de conta a prova realizada”.



O muro do estádio ficou destruído

# Fenómenos que marcaram o ano de 2012 em Portugal

**P**ouco passava das 13h30 do dia 16 de novembro de 2012 quando um forte tornado que varreu o Barlavento Algarvio passou pela vila de Silves, deixando atrás de si um rasto de destruição. Diz quem assistiu ao fenómeno que as consequências só não foram mais graves porque minutos antes uma forte queda de granizo tinha afastado as pessoas da rua. O tornado, com rajadas a atingir 260 a 270 quilómetros por hora, foi considerado “moderadamente devastador, podendo ser forte” pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera (antigo Instituto de Meteorologia).

A “fúria da natureza” não poupou vários automóveis estacionados nas ruas, nem tão pouco as caravanas estacionadas parqueadas à entrada da localidade, levando a que algumas capotassem. Treze pessoas ficaram feridas, três em estado grave, acabando uma por falecer no hospital cerca de um mês depois.

Em vários edifícios era possível encontrar vidros partidos que teste-



O estado em que ficou a cobertura das bancadas

munhavam a passagem do tornado. Um deles, mesmo em frente ao Estádio do Silves Futebol Clube, viu uma baliza “voar” na sua direção e partir os vidros de uma das janelas.

Também a relva do estádio sofreu com a violência dos ventos. A estrutura de metal que cobria a bancada ficou destruída e os treinos das equipas tiveram que ser adiados por falta de condições do campo. Também os muros de vedação não resistiram à força do vento.

O pavilhão Mário José do Silves Futebol Clube sentiu a força das rajadas de vento, com o tornado a entrar

por uma janela e a sair no ângulo inverso, deixando para trás cadeiras e estruturas destruídas. Cá fora, no pequeno café explorado pelo Clube, um membro da direção contou à Alto Risco que o tornado amontoou as cadeiras do bar, deixando, no entanto, intacto o televisor que se encontrava na esplanada.

Estes fenómenos têm ocorrido com alguma frequência em Portugal, nos últimos tempos. Em Dezembro de 2009 um forte tornado afetou violentamente a região Oeste. Já em Janeiro de 2013 o país foi varrido por chuvas fortes, causando avultados estragos nomeadamente na Região Centro.



D.R.

# Laboratórios Nacionais debatem riscos do ambiente e qualidade do ar

O

tema dos Riscos para o Ambiente e a Qualidade de Ar foi o ponto de partida para a segunda conferência no âmbito dos encontros científicos subordinados

à temática da “Ciência na Prevenção e Mitigação dos Riscos em Portugal”, organizada pelos Laboratórios do Estado, no dia 8 de novembro, na Fundação Calouste Gulbenkian.

João Paulo Teixeira, do Instituto Nacional de Saúde falou ao Alto Risco do objetivo deste ciclo de conferências, que consiste em “criar sinergias entre os laboratórios do Estado, fornecer informação à comunidade científica sobre o que cada laboratório faz”. O moderador da conferência de novembro lembrou ainda que é “importante divulgar o que se faz na prevenção dos riscos associados à qualidade do ar e do ambiente e não numa perspectiva de remediação”.

De acordo com o especialista, ao nível

ambiental, o maior risco está relacionado com a “poluição”, resultante do acentuado tráfego automóvel. João Paulo Teixeira defende, no entanto, que “o problema não são as exposições agudas que ocorrem devido a um acidente. O grande problema é monitorizar durante muito tempo pequenas concentrações destes suplementos no ar”. No caso dos bombeiros, “há vários estudos que efetivamente estão a monitorizar, na época alta dos incêndios, a exposição dos bombeiros a substâncias nefastas ao organismo humano”, remata.

Apesar de, hoje em dia, se dar mais importância ao chamado “ar-ambiente”, o especialista alerta para a importância da “qualidade do ar interior”, muitas

vezes esquecida.

“Na grande parte dos estudos verifica-se uma falta de sensibilização para esta problemática e não é preciso investir muito dinheiro para fazer o seu melhoramento. A ventilação é primordial”, refere. A qualidade do ar dos lares de terceira idade tem estado debaixo de olho, tanto mais que os idosos “vivem 24 horas dentro de um sítio fechado, pelo que impacto será maior”, conclui.

Neste sentido, está em curso um projeto de investigação (que envolve investigadores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, do Instituto Nacional de Saúde, da Faculdade de Ciências Médicas e da Faculdade de Ciências e Tecnologias) que tem como objetivo estudar o impacto que a qualidade do ar interior tem na prevalência de doenças de foro respiratório em crianças que frequentam creches e infantários em Lisboa e Porto. Durante esta conferência, foram apresentados alguns resultados preliminares dos estudos efetuados (numa amostra de 45 instituições) e que revelaram que na generalidade dos locais, os caudais de ventilação são muito baixos e a qualidade de ar insuficiente.

Além dos riscos por contaminação do ar, na conferência decorrida em novembro, estiveram ainda em análise os riscos por contaminação dos solos e água e os riscos ocupacionais e saúde pública. Nesta temática, foi analisada a vigilância e investigação do potencial impacto na saúde pública que mosquitos invasores, como o Dengue, podem ter na saúde pública.

## Creches com nível de ar viciado

As primeiras conclusões do projeto “Ambiente e Saúde em creches e infantários”, desenvolvido nos últimos três anos em 46 creches infantários de Lisboa e Porto, apontam para uma ventilação relativamente baixa, o que prejudica a saúde respiratória.

Os resultados preliminares do estudo foram apresentados a 16 de janeiro, em Lisboa. Até junho deverão estar disponíveis os resultados finais e as recomendações técnicas para melhorar a quali-

dade do ar nestes espaços. Por agora, os resultados mostram que mais de 90 por cento das creches avaliadas têm teor de dióxido de carbono superior ao recomendado e apresentam elevados níveis de viciação do ar.

O objetivo deste estudo passa por estudar o impacto do ambiente interior das creches e infantários sobre a saúde respiratória das crianças que os frequentam.

Os médicos e investigadores da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge e da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Lisboa estão a trabalhar também num projeto dedicado à qualidade de vida nos lares de idosos. Pretende-se com este projeto clarificar o papel da qualidade do ar interior e ventilação no bem-estar e qualidade de vida dos idosos residentes em lares de terceira idade.



Dengue

# Dengue na Madeira: um “sinal da globalização”

# A

ambiente favorável, alta densidade da espécie do mosquito-vetor, presença do vírus e presença dos hospedeiros suscetíveis (pessoas sem imunidade para aquele agente infeccioso): “tudo isto estava reunido na Madeira” aquando do surgimento de casos de dengue na ilha em outubro de 2012. A especialista Maria João Alves, do Centro de Estudo de Vetores do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge explicou à Revista Alto Risco que o mosquito vetor da doença “convive muito

bem com os seres humanos. Entra em casa, onde tem à sua disposição as refeições de sangue que precisa (as pessoas) e reproduz-se em criadouros (pequenos recipientes com água) que as pessoas lhe fornecem, pratos dos vasos de plantas, recipientes abandonados nos quintais e varandas”.

O vírus do dengue é transmitido ao homem através da picada de um mosquito já infetado, sobretudo da espécie *Aedes aegypti*, mas não se transmite de pessoa para pessoa. De acordo com a investigadora, terá sido identificado pela primeira vez na Madeira em 2005, proveniente de um país das Caraíbas.

Em 2012, o primeiro caso foi identificado a 3 de outubro, multiplicando-se o número de casos nos meses seguintes, mesmo em cidadãos de nacionalidade estrangeira, que terão importado a doença. “O desenvolvimento dos sintomas de dengue só se dá depois de um período de incubação (em média seis dias) após a picada. Os viajantes podem ter sido infetados na Madeira (ou noutro país com dengue em circulação) e só ter a doença já no seu país”, esclarece

Maria João Alves.

Desde a data do aparecimento do primeiro caso a Direção Geral de Saúde notificou 1993 casos de febre do dengue na Região Autónoma da Madeira. Foram ainda identificados 58 casos em cidadãos com história de estadia prévia na ilha da Madeira. Não houve registo de mortes.

Quando há exposição ao mosquito infetado, alguns dias depois ocorrem sintomas como febre alta repentina, dores de cabeça, musculares e articulares e vômitos, sendo aconselhado consultar um médico ou ligar para a Linha Saúde 24.

Questionada sobre se a presença deste mosquito em território nacional seria um sinal de mudança climática, a especialista Maria João Alves explica que “a existência deste mosquito na Madeira, e em todos os locais que invadiu, é sobretudo sinal da globalização. Viagens, turistas, importações e exportações”.

As doenças transmitidas por mosquitos já constituíram graves problemas de saúde pública na Europa. Doenças como o dengue foram erradicadas da Europa em meados do século XX, em simultâneo

com a espécie vetora. O último grande surto de dengue no velho Continente terá sido na Grécia entre 1927 e 1928.

Em Portugal, a Direção Geral de Saúde, Administrações Regionais de Saúde e Instituto Nacional de Saúde, Dr. Ricardo Jorge, criaram a Rede de Vigilância de Vetores- REVIVE-, em 2008, com a missão de vigiar os vetores e o seu potencial infeccioso para detetar a introdução de espécies invasoras a levar à emissão de alertas para adequação das medidas de controlo.

### Dengue tem potencial para se tornar numa pandemia mundial

Um relatório da Organização Mundial de Saúde refere que a dengue é a única doença tropical autónoma que se expandiu na última década e que tem potencial real para se converter numa epidemia mundial. No documento, a OMS refere que os países lusófonos continuam a apresentar índices elevados de doenças tropicais negligenciadas como a dengue, a doença de chagas e a leishmaniose.

Das 17 doenças que integram o grupo de doenças tropicais autónomas, a OMS considera que a dengue é a que “repre-



senta uma ameaça global”. No último meio século a incidência da dengue a expansão da dengue continua a aumentar, pelo que os cientistas acreditam que se possa tornar numa pandemia mundial.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a doença é contraída por 50 a 100 milhões de pessoas por ano, sendo que 500 mil padecem da versão mais gra-

ve, conhecida como hemorrágica e que já causou 22 mil mortos.

“O aumento da população, a circulação de mercadorias pelo mundo e as alterações climáticas que fazem aumentar as temperaturas e as inundações contribuíram para a expansão silenciosa da doença”, acrescenta o especialista da OMS.

Pub

12 horas de cópias por dia

0,02€

Campanha cópia: 1000 cópias por dia

CÓPIA A3

CÓPIA A4

CÓPIA A5

CÓPIA A6

CÓPIA A7

CÓPIA A8

CÓPIA A9

CÓPIA A10

CÓPIA A11

CÓPIA A12

CÓPIA A13

CÓPIA A14

CÓPIA A15

CÓPIA A16

CÓPIA A17

CÓPIA A18

CÓPIA A19

CÓPIA A20

CÓPIA A21

CÓPIA A22

CÓPIA A23

CÓPIA A24

CÓPIA A25

CÓPIA A26

CÓPIA A27

CÓPIA A28

CÓPIA A29

CÓPIA A30

CÓPIA A31

CÓPIA A32

CÓPIA A33

CÓPIA A34

CÓPIA A35

CÓPIA A36

CÓPIA A37

CÓPIA A38

CÓPIA A39

CÓPIA A40

CÓPIA A41

CÓPIA A42

CÓPIA A43

CÓPIA A44

CÓPIA A45

CÓPIA A46

CÓPIA A47

CÓPIA A48

CÓPIA A49

CÓPIA A50

CÓPIA A51

CÓPIA A52

CÓPIA A53

CÓPIA A54

CÓPIA A55

CÓPIA A56

CÓPIA A57

CÓPIA A58

CÓPIA A59

CÓPIA A60

CÓPIA A61

CÓPIA A62

CÓPIA A63

CÓPIA A64

CÓPIA A65

CÓPIA A66

CÓPIA A67

CÓPIA A68

CÓPIA A69

CÓPIA A70

CÓPIA A71

CÓPIA A72

CÓPIA A73

CÓPIA A74

CÓPIA A75

CÓPIA A76

CÓPIA A77

CÓPIA A78

CÓPIA A79

CÓPIA A80

CÓPIA A81

CÓPIA A82

CÓPIA A83

CÓPIA A84

CÓPIA A85

CÓPIA A86

CÓPIA A87

CÓPIA A88

CÓPIA A89

CÓPIA A90

CÓPIA A91

CÓPIA A92

CÓPIA A93

CÓPIA A94

CÓPIA A95

CÓPIA A96

CÓPIA A97

CÓPIA A98

CÓPIA A99

CÓPIA A100

www.copiarco.com

i-tabelas

Para outras quantidades, consulte os Termos, Preços de Acabamentos, WebSite, Clientes, Flyers, Brochura, lista de preços entre outros. Consulte-nos!

Zé Baril

ATL/Jardim de Infância do Casal de Figueiras



# Secretariado Regional de Setúbal promove Zé Baril

**O** Zé Baril, Mestre da Proteção Civil, esteve no concelho de Setúbal no passado mês de dezembro, para duas ações de formação direcionadas para a comunidade escolar, promovidas pelo Secretariado Regional de Setúbal.

Nos dias 15 e 16, as educadoras e auxiliares de educação do ATL/Jardim de Infância do Casal de Figueiras receberam formação de socorrismo. A 22 e 23 foi a vez das educadoras e auxiliares de educação do ATL/ Jardim de Infância "O Comboio".



ATL/ Jardim de Infância "O Comboio"



Pub

**Não percas esta OPORTUNIDADE !!!!!**  
 Uma campanha especial para todos os que ainda não fazem parte da Academia Life Club.

**Campanha Especial Bombeiros**

**DEBETA DA VIDA + VALORES ESPECIAIS**

**PEDE JÁ O TEU OPENDAY GRATIS \***

\* Com este Convite, tens acesso a todos os Aulas de Grupo, a sala de Cardio e Musculação, bem como à crossfit de Rotax com sauna, banho turco e piscina (inclui 2 toalhas) durante um dia inteiro à tua escolha.

\* Campanha válida até ao final de fevereiro de 2013

Contrata o teu espaço de lazer  
 Susana Silva - susanasilva@academia-lifecub.pt  
 Tel: 213934020 Tlm: 961314810

Site [www.academia-lifecub.pt](http://www.academia-lifecub.pt)





Cadeirinhas deixam crianças mais seguras no carro

## Bebés têm “alta” segura

**A** Direção Geral de Saúde lançou a 8 de fevereiro o projeto “Bebés, Crianças e Jovens em Segurança” em parceria com a Associação Portuguesa para a Segurança Infantil, a Fundação MAPFRE e a DOREL Portugal. O objetivo do projeto é promover o transporte seguro de bebés e crianças no automóvel, desde o dia da alta da maternidade.

O plano está enquadrado no Programa Nacional de Prevenção de Acidentes e consiste em dar formação aos profissionais dos agrupamentos dos centros de saúde e dos hospitais com maternidade para que fiquem capacitados e treinados na segurança e transporte de crianças no automóvel e na escolha e instalação do sistema de retenção mais adequado para bebés e crianças.

Em declarações à Agência Lusa, a presidente da Associação Portuguesa

para a Segurança Infantil (APSI), Sandra Nascimento, explicou que este projeto “pretende dar recursos aos estabelecimentos de saúde para fazerem o aconselhamento às famílias, através da distribuição de brochuras, cadeirinhas e de um simulador de automóveis, onde as famílias poderão treinar a sua instalação”.

De acordo com Sandra Nascimento, algumas unidades de saúde já tinham algumas iniciativas nesta área, “mas não havia um programa e orientações técnicas que homogeneizassem essa intervenção”. “Foi por isso que se sentiu a necessidade de criar um programa para dotar os profissionais e unidades de saúde dos recursos humanos e materiais e garantir a consistência da mensagem e a harmonização da intervenção destes profissionais”.

A responsável salientou a importância do programa a nível da segurança rodoviária, lembrando que os acidentes “ainda são a maior causa de morte nas crianças e nos jovens, apesar de terem

diminuído muito nos últimos anos”.

A taxa de utilização de cadeirinhas tem vindo a aumentar. “Em 1996, menos de 20% das famílias utilizavam cadeirinhas e agora são menos de 20% os que não a utilizam”.

De acordo com Sandra Nascimento, “houve um aumento da utilização das cadeirinhas. No entanto, temos observado que o transporte, a escolha e a instalação da cadeirinha, em metade dos casos, não está correta”.

A presidente da APSI considera que o aconselhamento sobre este sistema no “momento da alta é quase simbólico”. “Se na primeira viagem a criança é bem transportada, há mais probabilidade de a família interiorizar essa medida e prolongar por toda a vida da criança”.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o uso de um sistema de retenção, bem instalado e adequado ao peso e idade da criança, em caso de acidente, reduz o risco de morte entre os 54 e os 80 por cento.

De acordo com a Direção Geral de Saúde, em Portugal, a mortalidade por acidentes não intencionais até aos 19 anos, designadamente em acidentes de viação, representa 66% do total.

# SEGUREX

07 | 11 MAIO | MAY 2013

SALÃO INTERNACIONAL DE PROTECÇÃO E SEGURANÇA

INTERNATIONAL SAFETY AND SECURITY EXHIBITION



O MAIOR EVENTO DE SEGURANÇA EM PORTUGAL.

THE LARGEST SECURITY EVENT IN PORTUGAL

www.segurex.fil.pt



PEDIDO DE INFORMAÇÃO / SOLICITUD DE INFORMACIÓN / INFORMATION REQUEST  
Enviar para / Please return to / Enviar solicitud de información para: Fax: +351 21 892 15 15  
Sandra Bertolo Fragoso > sandra.bertolo@iap.pt / tel. +351 21 892 1723  
Carla Borges > carla.borges@iap.pt / tel. +351 21 892 1552

## A mudança no valor isento de subsídio de refeição

# N

o Orçamento de Estado para o ano de 2012 constatou-se o facto de o subsídio de refeição, pago através de vales de refeição, ter uma vantagem fiscal superior em 40%, comparativamente ao pagamento realizado em dinheiro aos trabalhadores.

Ou seja, o referido OE 2012 introduziu uma alteração, em sede de IRS, no que respeita ao subsídio de refeição, que se traduziu no seguinte:

- quando pago em dinheiro, a redução é de 6,41 euros para 5,12 euros do valor isento de IRS + TSU (+ 20% do valor da função pública de 4,27 euros);

- Quando atribuído em tickets de refeição, isento até 6,83 euros, de IRS + TSU (+60% do valor da função pública de 4,27 euros).

Contudo, no Orçamento de Estado para o ano de 2013, os subsídios de refeição pagos em dinheiro que forem superiores a 4,27 euros passam a pagar IRS e contribuições para a Segurança Social.

Perante este facto, e para minimizar o impacto da austeridade sobre os seus

trabalhadores e até para as mesmas, algumas empresas estão a rever as políticas de pagamento dos subsídios de refeição. Uma dessas políticas consistiu na substituição do pagamento do subsídio em dinheiro pela atribuição de vales de refeição, os quais são uma forma de pagamento de subsídio de alimentação aos trabalhadores, através de vales com montantes em dinheiro que podem ser descontados em lojas de distribuição alimentar e restaurantes; outra forma encontrada pelas empresas foi passar a disponibilizar aos seus funcionários,

um cartão eletrónico através do qual aqueles passarão a usufruir dos subsídios que recebem das empresas utilizando os terminais de pagamento automático Multibanco dos restaurantes ou supermercados.

Isto porque, no caso dos vales de refeição e no caso daqueles cartões multibanco, a tributação será feita na parte que excede em 60% o valor estipulado por lei, ou seja, a partir dos 6,83 euros, contra os 4,27 euros em dinheiro que passam a pagar IRS e contribuições para a Segurança Social.

Contudo, realçamos que qualquer corte no subsídio de alimentação é uma prática ilegal (mesmo acompanhando a diminuição do limite da isenção), pois a

generalidade dos contratos de trabalho fixa expressamente o valor do subsídio de alimentação diário levando a que o mesmo não possa ser alterado sem o consentimento do trabalhador.

Isto porque embora o referido subsídio tenha uma natureza remuneratória, não integra a retribuição-base do trabalhador, pelo que o mesmo não se encontra sujeito aos princípios de irredutibilidade da retribuição, razão pela qual pode o mesmo ser alterado ou até reduzido desde que para tal exista o acordo do trabalhador.



## Austeridade agrava pobreza em Portugal

Um relatório da Cáritas Europa sobre o impacto da crise e das medidas de austeridade nos chamados “países intervencionados” aponta os principais efeitos da crise económica e das medidas políticas adotadas para fazer frente ao problema. A organização alerta para o facto das medidas de austeridade estarem a provocar efeitos negativos junto da população mais carenciada (onde se incluem as crianças), arrastando várias famílias para novas situações de pobreza.

O documento, apresentado a 14 de fevereiro alerta para o problema das pessoas empregadas cujo salário já não cobre as necessidades básicas. Em Portugal, um em cada dez trabalhadores não recebe o suficiente pelo seu trabalho para evitar estar no limiar da pobreza (que está hoje nos 481 euros).

Em 2011 a taxa de pobreza em Portugal apontava para 18 por cento, abrangendo 1,9 milhões de pessoas, e representando um aumento em relação a 2010, associado à quebra generalizada de rendimentos. Comparativamente à média europeia, este indicativo é superior à média dos países da Europa a 27, sendo apenas ultrapassado pelos valores registados em Itália, Grécia, Lituânia, Bulgária, Espanha, Roménia e Letónia, de acordo com a Cáritas.

O relatório aponta também para o agravamento da pobreza infantil em Portugal. As crianças surgem também como as mais afetadas pela austeridade imposta para responder à crise. Neste grupo incluem-se os menores cujos pais não têm trabalho e não conseguem cumprir as necessidades básicas de vestuário e alimentação.

A taxa de pobreza infantil, no nosso país, fixou-se nos 22,4 por cento em 2011. Uma percentagem superior

à média europeia (que está nos 20,5 por cento), mas inferior à registada na Grécia (23%), Itália (24,7%) e Espanha (27,2%), todos eles países intervencionados por entidades externas. Apenas a Irlanda regista uma taxa inferior, com 19,7%.

### Desemprego muito elevado

Os últimos dados revelados sobre o desemprego em Portugal apontam para 923 mil pessoas sem trabalho. O relatório da Cáritas foca também a questão do desemprego nos cinco países intervencionados, em especial entre os jovens e de longa duração, apresentando níveis bem acima da União Europeia.

Numa reação a este relatório, José Manuel Cordeiro, da direção da Cáritas Portuguesa e em declarações ao Jornal Diário de Notícias, considerou que “está a crescer um novo tipo de pobres para os quais não há resposta” e que “estes cortes no Estado Social criam mais potenciais pobres”.

Flashover



# “Uma das formações mais interessantes que frequentei”

A Companhia de Bombeiros Sapadores de Braga foi uma das que participou, no final do mês de outubro, no 38º curso de controlo de “Flashover”, na Escola do Regimento Sapadores de Bombeiros. O curso tem como objetivo dotar os bombeiros de conhecimentos técnicos e práticos para aplicação nas operações de combate a incêndios em espaços interiores e aquisição de conhecimentos no âmbito da segurança operacional, individual e coletiva. Ricardo Fernandes, de 32 anos, bombeiro municipal de 2ª classe da CBS Braga, falou à Revista Alto Risco desta experiência.

**C**omo avalia este curso? Foi uma das formações mais interessantes, informativas e apelativas que já frequentei, pois quer a nível teórico quer a nível prático foi extremamente enriquecedor.

**Que mais-valia trouxe para o desempenho da sua profissão?**

Esta formação foi muito importante no sentido de obter mais conhecimentos, ter contato com novas técnicas e com outros profissionais da minha área, e claro, a aprendizagem de novas abordagens, pois as que conhecia já estavam ultrapassadas.

**O que o levou a realizar esta formação?**

Realizei esta formação porque tenho um grande gosto pela minha profissão e, em particular, pela área de Incêndios Urbanos e Industriais. Contudo não quer dizer que não goste das outras áreas. Como grande interessado nesta área específica, achei pertinente esta formação pois a minha “sede” de saber não tem fim, ando constantemente em busca de novas técnicas, conhecimentos e métodos de combate a Incêndios.

Foto Reportagem

# 2012 em revista

## Bombeiros em protesto contra a austeridade



O ano de 2012 ficou marcado pela forte contestação social, fruto das “medidas de austeridade” implementadas pelo Governo de Pedro Passos Coelho e desde logo contestadas pelo povo português. Com os salários a emagrecerem ao fim do mês, com o poder de compra a diminuir e com as despesas a aumentarem, os trabalhadores de vários setores profissionais foram enchendo as ruas de Lisboa, todas as semanas, a exigirem o fim da austeridade. Entre essas manifestações, destaque para a manifestação nacional de bombeiros profissionais que contou com a participação de mais de mil, oriundos de norte a sul do país e da Ilha da Madeira.









# ASSINE JÁ!

O fogo pode chegar a todo o lado.  
O Unimog também.



## cupão de assinatura

(este cupão pode ser fotocopiado)

<p>Nome: _____</p> <p>Morada: _____</p> <p>Código Postal: _____</p> <p>Profissão: _____</p> <p>Telefone: _____ Tim: _____</p> <p>Email: _____</p> <p style="text-align: center;"><b>Desejo a Assinatura Anual de:</b></p> <p><input type="checkbox"/> Revista Alto Risco - 10 euros    <input type="checkbox"/> Jornal Alto Risco - 8 euros</p> <p style="font-size: small; text-align: center;">Enviar Cheque ou Vale de Correio para: Associação Nacional de Bombeiros Profissionais Av. Dom Carlos I, 89, 1/c - 1200 Lisboa</p>	<p><b>ESCOLHA O MODO DE PAGAMENTO:</b></p> <p>Cheque n.º _____ no valor de: _____</p> <p>Banco: _____</p> <p>Vale postal n.º _____ no valor de: _____</p>
--	---

O perigo espanta ou, menos se espera. É por isso que o Unimog da Mercedes-Benz é o veículo ideal para chegar aos locais mais inacessíveis. Com dimensões compactas e uma extraordinária capacidade de manobra proporcionada por uma torção entre eixos e uma tração total excelente, o Unimog está preparado para todos os obstáculos. Equipado de série com um sistema de travagem de duplo circuito (pneumático/hidráulico) e um sistema ABS de 4 canais,

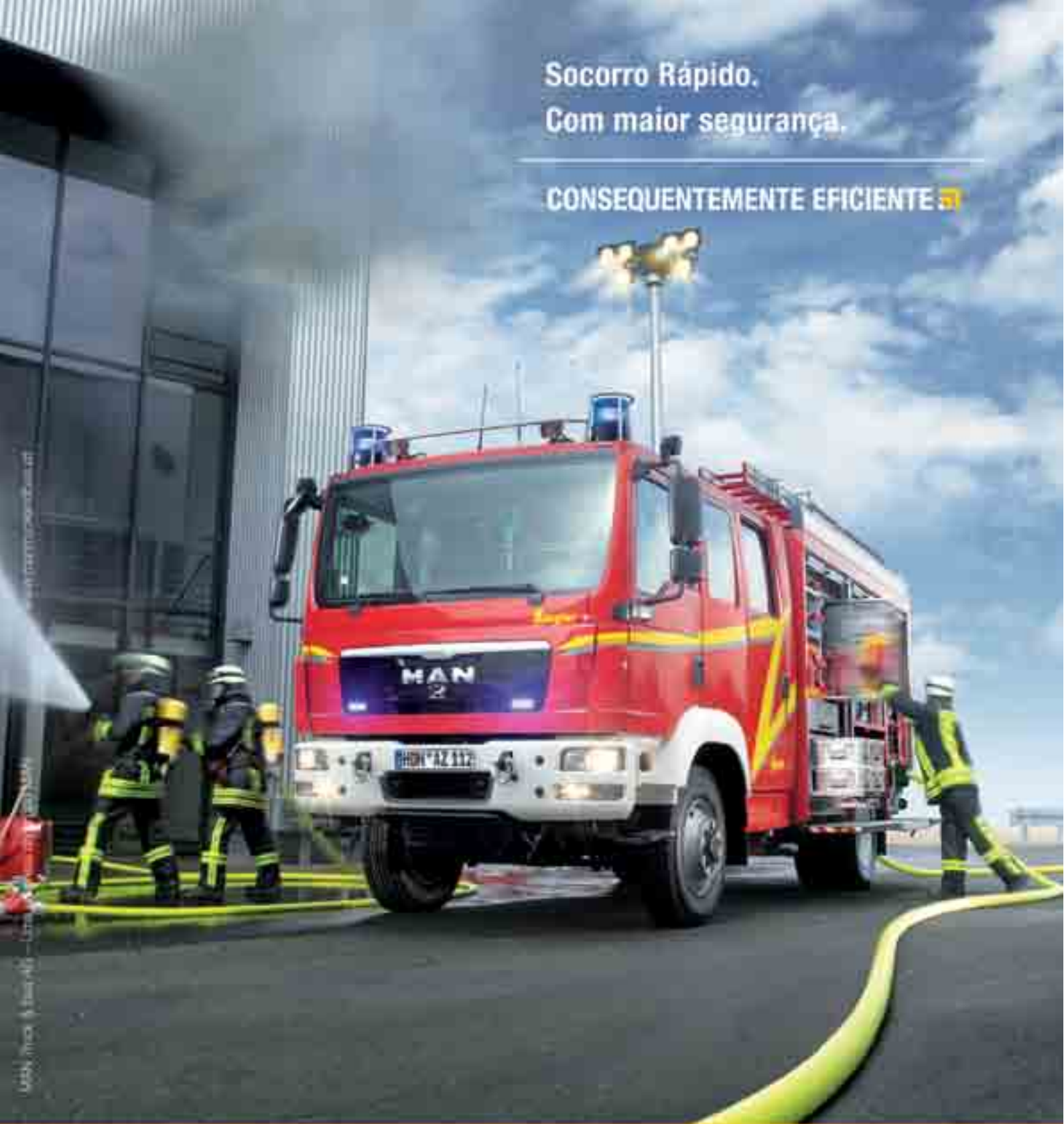
o Unimog é seguro até nas condições mais difíceis. Além disso, a simplicidade de operação do sistema de transmissão e da caixa de velocidades dão ao condutor um controlo total sobre o veículo e maior suavidade na condução. As três versões, U3000, U4000 e U5000 do Unimog oferecem-lhe sempre a solução mais adequada. Para conhecer melhor o novo Unimog, contacte a Mercedes-Benz Portugal pelo 219 257 118 ou visite o site [www.mercedes-benz.pt/trucks](http://www.mercedes-benz.pt/trucks).



\*Camioneta de 3000kg

Socorro Rápido.  
Com maior segurança.

CONSEQUENTEMENTE EFICIENTE 



## Quando as coisas aquecem.

Sempre prontos a entrar em ação, rápidos como os bombeiros. Os novos veículos MAN no combate a incêndios ou intervenções rápidas em desastres ou catástrofes estão sempre prontos para a ação.

Quando a ajuda é necessária. Como veículos normais ou veículos especiais, eles dominam a sua tarefa com estilo, tanta exigência logo, salvando vidas em segurança ou em resgates difíceis.

MAN Truck & Bus

